

## Reflexões sobre a Teoria Histórico-Cultural via Ensino de Arte: Uma Perspectiva Educacional Contemporânea

*Reflections on the Cultural-Historical Theory in Art Teaching: A Contemporary Educational Perspective*

*Reflexiones sobre la Teoría Histórico-Cultural en la Enseñanza del Arte: Una Perspectiva Educativa Contemporánea*

Flávia Gurniski Beltrami  
Universidade Estadual de Maringá  
flaviagurniski@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0001-8938-6031>

Telma Adriana Pacífico Martineli  
Universidade Estadual de Maringá  
tapmartineli@uem.br  
<https://orcid.org/0000-0003-2997-2957>

Nerli Nonato Ribeiro Mori  
Universidade Estadual de Maringá  
nnrmori@uem.br  
<http://orcid.org/0000-0002-6798-5225>

### RESUMO

Neste estudo, discutimos uma abordagem pedagógica em Arte, decorrente de uma pesquisa de Mestrado em Educação, com intervenção educacional realizada no Município de Maringá-PR. A problematização envolve um recorte da pesquisa referente à seguinte questão: como o ensino de Arte na contemporaneidade pode contribuir para o processo de humanização dos estudantes? Elaboramos uma pesquisa de delineamento teórico e prático, objetivando: evidenciar concepções humanizantes no processo de ensino e aprendizagem em Arte; destacar reflexões referentes ao planejamento docente e ao percurso criador escolar, a partir da análise de dados. A pesquisa é fundamentada na Teoria Histórico-Cultural, de Lev Vygotsky, por meio de metodologia qualitativa, delineamento bibliográfico e abordagem prática. Os resultados alcançados revelam que, ao promovermos saberes pela arte contemporânea, é possível potencializar o cognitivo pelo sensível em um movimento dialético inclusivo. A educação pela Arte é mais do que lecionar cores e formas, é viabilizar conhecimento em sintonia com a humanidade.

**Palavras-chave:** Ensino de Arte. Contemporaneidade. Planejamento Docente.

### ABSTRACT

In this study, we delve into a pedagogical approach to Art stemming from a Master's research in Education, with an educational intervention that took place in the city of

Maringá, state of Paraná, Brazil. The problematization relates to a section of the research pertaining to the following question: how can teaching Art in contemporary times contribute to the process of humanizing students? We designed a theoretical and practical research project with the aim of: pinpointing humanizing concepts in the teaching and learning process of Art; highlighting reflections on teacher planning and on the school creative direction with data analysis. The research is grounded in the Cultural-Historical Theory, by Lev Vygotsky, with the use of qualitative methodology, bibliographical studies and a practical approach. The results show that by encouraging knowledge through contemporary art, it is possible to enhance cognition through the sensitive outlook in an inclusive dialectical movement. Education through art is more than teaching colors and shapes, it is enabling knowledge in sync with humanity.

**Keywords:** Art teaching. Contemporaneity. Teaching Planning.

## RESUMEN

Este estudio discute una aproximación pedagógica al Arte resultante de una investigación de Maestría en Educación, con una intervención educativa realizada en la ciudad de Maringá, estado de Paraná, Brasil. La problematización implica un apartado de la investigación sobre la siguiente cuestión: ¿cómo puede contribuir la enseñanza del Arte en la contemporaneidad al proceso de humanización de los alumnos? Realizamos un estudio teórico-práctico que pretende: resaltar conceptos humanizadores en el proceso de enseñanza y aprendizaje del Arte; destacar reflexiones sobre la planificación docente y el camino creativo de la escuela con análisis de datos. La investigación se basa en la Teoría Histórico-Cultural, de Lev Vygotsky, utilizando metodología cualitativa, estudios bibliográficos y un enfoque práctico. Los resultados muestran que al promover el conocimiento a través del arte contemporáneo, es posible potenciar lo cognitivo a través de lo sensible en un movimiento dialéctico inclusivo. Educar a través del arte es más que enseñar colores y formas, es hacer posible el conocimiento en sintonía con la humanidad.

**Palabras clave:** Enseñanza del Arte. Contemporaneidad. Planificación de la enseñanza.

## Introdução

No transcorrer do tempo, a Arte busca seu espaço como fonte de humanização, visto que permite construir significados pelo cognitivo e pelo sensível no percurso criador escolar. Enquanto professores da Educação Básica, observamos que as ações pedagógicas por meio da Arte, no currículo escolar, geralmente são limitadas à ludicidade ou à espontaneidade. Neste sentido, é visível a necessidade de avanços em relação à educação pela Arte, o que sugere mais reflexões e ações, para que a disciplina seja considerada como campo do conhecimento e as concepções de dons inatos e entretenimento sejam superados, uma vez que a Arte “[...] não é apenas básica, mas fundamental na educação de um país que se

desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição [...] como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano” (Barbosa, 2010, p. 4).

Nessa perspectiva, as formas de pensar a Arte<sup>1</sup> no contexto educacional constituem-se a partir das relações socioculturais, econômicas e políticas do momento histórico e social em que se desenvolvem. Enfatizamos que práticas pedagógicas que viabilizam buscar referências com abordagens pictóricas de conhecimento universal, dos clássicos ao contemporâneo, trazem uma nova percepção, ao estabelecerem relações com a realidade dos estudantes, permitindo um olhar sobre a realidade humana e social.

Faz-se importante salientar que a metodologia utilizada possui caráter qualitativo, fundamentada na Teoria Histórico-Cultural, de Lev Vygotsky, com estudo de abordagem teórica e prática<sup>2</sup>. Com um recorte sistematizado, problematizamos a seguinte questão: como o ensino de Arte na contemporaneidade pode contribuir para o processo de humanização dos estudantes? Para respondermos a essa reflexão, objetivamos: evidenciar concepções humanizantes no processo de ensino e aprendizagem em Arte; destacar reflexões referentes ao planejamento docente e ao percurso criador escolar com análise de dados.

Uma visão apresentada por Gil (2007) é considerar os trabalhos científicos conforme o objetivo geral, a partir do recorte e tema a ser tratado, uma vez que a pesquisa viabiliza “[...] maior familiaridade com problema, com vistas a torná-lo mais explícito [...]” (Gil, 2007, p. 41). Por essa razão, delineamos a pesquisa nas ideias do autor.

Ao nos referirmos à pesquisa qualitativa, recuperamos as palavras de Minayo (2009, p. 21), para quem a metodologia “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”, sendo que esse conjunto de fatos faz parte da realidade social. Assim, a pesquisa com participantes envolve aspectos que se estabelecem mediante a fixação do problema

---

<sup>1</sup> Neste texto, por destacarmos a Arte como área de conhecimento disciplinar, o termo será utilizado com inicial maiúscula.

<sup>2</sup> A pesquisa de Mestrado, realizada com participantes, foi aprovada pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – COPEP/UEM, com parecer CAAE: 73963617.7.0000.0104.

e aproximação dos sujeitos investigados, de forma que ocorra a troca entre os pares em uma ação coletiva. Para tanto, buscamos o problema a partir do grupo, com o objetivo de superá-lo e permitir a construção de novos olhares pelo pensamento e pela ação. Nesse sentido, consideramos os estudos de Silva (2021, p. 10) ao clarificar que “[...] a disposição para criar objetos nos mais diversos âmbitos das atividades humanas” implica a mobilização da “[...] esfera motivacional do sujeito, no lugar onde desenvolve suas necessidades e interesses”.

A pesquisa foi desenvolvida, a partir da intervenção educacional realizada, com um grupo de estudantes, que frequentaram as séries iniciais do ensino fundamental, na rede pública municipal da cidade de Maringá, no Paraná. Para o método e procedimentos utilizados, na organização dos encontros, contemplamos os três momentos do ensino de Arte: teorizar, sentir e perceber e o fazer artístico; com base nas Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (DCEs) para o Ensino de Arte (PARANÁ, 2008).

Diante disso, no percurso metodológico utilizamos a contextualização, apreciação de imagens e produção artística. Para isso, evidenciamos em nossa mediação os trabalhos do artista paranaense Hélio Leites (1951), com sua arte popular, onde apresentamos algumas de suas obras, por meio de livros, slides e vídeos. Para a coleta de dados, das análises, recorreremos aos seguintes instrumentos: diário de campo para as anotações, gravador de áudio e celular para registros fotográficos.

Sendo assim, registramos neste estudo, de forma sistematizada, a experiência estética e artística vivenciada por um dos educandos, ao discorrer algumas de suas narrativas e expressões. O método de análise envolveu todo o percurso criador do educando, com a produção do objeto artístico concomitante à criação da narrativa. Para tanto, no percurso da análise, expressamos a passagem do abstrato para o concreto e vice e versa. Analisamos se apresentou autonomia na elaboração de sua historieta e produção artística; a relação dos objetos escolhidos com a narrativa construída no fazer artístico; a interação e socialização de suas ideias para com o grupo.

No decorrer das nossas intervenções, observamos o quanto é relevante elaborar um planejamento docente com práticas significativas, pois é no âmbito social que se pode criar e produzir o novo, o que não se faz sem referências com a realidade, conforme afirma Vigotski (2009). Os encaminhamentos voltados às atividades estereotipadas privam os estudantes de desenvolverem o fazer artístico, visto que são condicionantes e atendem a esquemas preestabelecidos. Ademais, podem ocasionar a inibição da expressividade e a limitação de processos mentais, não permitindo que o potencial criador do educando se desenvolva de forma articulada. Por isso, é necessária a superação de trabalhos estereotipados, com vistas à busca de referências elaboradas que potencializem o desenvolvimento das funções psicológicas superiores advindas de interações sociais, culturais e históricas.

Por fim, concluímos que a potencialização do conhecimento cognitivo pelo sensível, no contexto escolar, não é um processo espontâneo, mas, sim, um trabalho de construção com base em referências já existentes e um constante diálogo com a realidade. O desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem significativo é um caminho para potencializar a apropriação de ferramentas culturais e novos conceitos.

## As Significâncias da Arte para o Contexto Escolar

A arte tem cumprido as mais variadas funções ao longo da história, com diversidades de circunstâncias, tais como religiosa, educativa, decorativa, ideológica, social, cognitiva, expressiva; porém, isso só é possível por ser uma criação humana. É importante destacar que, para Vigotsky (2010, p. 334), “[...] a princípio a arte surge por uma necessidade da vida, o ritmo é uma forma primária de organização do trabalho e da luta, e a arte tem um caráter nitidamente utilitário e de trabalho”.

Na história da humanidade, o trabalho encaminha o homem para uma nova realidade, pois este transforma a natureza e a si próprio. Vale ressaltar que a Arte, no âmbito educacional, propicia a aprendizagem desde a infância, por meio de

atividades pedagógicas que aproximam os educandos do conhecimento produzido historicamente pela humanidade. A respeito disso, Gombrich (2009) aponta que

[...] devemos voltar à nossa própria infância, a uma época em que ainda éramos capazes de fazer coisas de tijolos ou areia, em que transformávamos uma vassoura num veículo mágico e um punhado de pedras num castelo encantado. Muitas vezes essas coisas que criávamos adquiriram para nós um significado imenso- possivelmente tão grande quanto à imagem devia ter para os primitivos [...] (Gombrich, 2009, p. 585).

Em suas reflexões, o autor indica a possibilidade de transformar objetos em arte, por meio da sensibilidade humana, na vivência das ações, nos conceitos universais e nos ideais de quem a representa, conseqüentemente “[...] a vivência estética cria uma atitude muito sensível para os atos posteriores e, evidentemente, nunca passa sem deixar vestígios para o nosso comportamento” (Vigotsky, 2010, p. 342). Em virtude disso, as novas significações expandem e modificam a nossa percepção com um novo olhar na concretude dos objetos.

A Arte como forma de expressão humana, segundo Peixoto (2003), considera suas determinações sociais, históricas e culturais não como algo que de fora dela a determina, mas como algo que a representa. Como descrito pela autora,

[...] o artista, como qualquer outro indivíduo, é um ser social e historicamente datado e que, por isso mesmo, sua posição ideológica exerce um certo papel na criação artística, não se pode ignorar a capacidade da arte de lançar pontes ou estabelecer laços entre os homens de diferentes épocas, de realidades sociais e históricas distintas (Peixoto, 2003, p. 36).

Por esse motivo, a Arte apresenta e expressa a realidade existente com diversos significados. O indivíduo se constrói como ser histórico e social a partir das suas ações e reflexões em um constante movimento dialético. Assim, é evidente “[...] indicar a importância de cultivar a criação na idade escolar. Todo o futuro é alcançado pelo homem com a ajuda da imaginação criadora” (Vigotski, 2009, p. 122), logo promove princípios cognitivos pelo sensível e, na concepção do autor, um planejamento educacional por intermédio de conceitos da cultura elaborada é fundamental para o estímulo da imaginação criadora. Nesse termo,

[...] quando o aluno se apropria de conhecimentos historicamente acumulados, está ampliando sua memória, registrando elementos que vão muito além de sua memória individual, ou seja, o aluno passa a ter domínio sobre a memória da humanidade (Saccomani, 2016, p. 70).

Além de potencializar sua percepção em relação ao mundo externo, o aluno revela sua subjetividade. Como define Vigotsky (2010, p. 204), os conteúdos podem ser entendidos pela experiência pessoal e, para “[...] iniciar a construção de um novo tipo de representação, devemos preparar previamente todo o material necessário a essa construção”. Destarte, a aprendizagem criativa na escola somente “[...] se desenvolverá se for formada por meio de processos educativos que visem a essa formação [...]” (Saccomani, 2016, 172).

Nesse contexto, os postulados teóricos de Vigotski (2009) estabelecem que a capacidade de combinação do nosso cérebro, fundada na atividade criadora, é denominada de imaginação ou fantasia, assim como tudo o que está fora da realidade em nosso cotidiano. Dessa forma,

[...] a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se em todos os campos da vida cultural, tornando também, possível a criação artística, a científica e a técnica. [...] tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia (Vigotski, 2009, p. 14).

Para o autor, a criação artística surge a partir dos conhecimentos adquiridos anteriormente, e a percepção imediata provocada pela Arte estabelece o início da experiência estética. É importante que as crianças tenham contato com produções artísticas, a fim de que possam adquirir novos conhecimentos, porque “[...] nós, seres humanos, não apenas reproduzimos, mas também criamos novas imagens e ações, combinando e reelaborando dados da experiência anterior” (Saccomani, 2016, p. 64).

Os conhecimentos socializados por meio da Arte, durante o processo de criação, são capazes de favorecer a comunicação entre as pessoas. Ademais, potencializa os sentidos ao fruir e apreciar esteticamente, bem como desperta o

pensamento crítico na interpretação de fatos cotidianos. Diante do exposto, podemos explicitar que, no perpassar do tempo,

[...] a humanidade acumulou na arte uma experiência tão grandiosa e excepcional que qualquer experiência de criação doméstica e de conquistas pessoais parece ínfima e mísera em comparação com ela. Por isso, quando se fala de educação estética no sistema da educação geral, deve-se sempre ter em vista essa incorporação da criança à experiência estética da sociedade humana (Vigotsky, 2010, p. 351).

Não podemos pensar em Arte como um mero fazer. Nesse sentido, é importante promover atividades artísticas adequadas para que aconteça um estímulo da imaginação criadora, considerando que “[...] toda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular” (Fischer, 1983, p. 17), por conseguinte o conhecimento em Arte e suas significações serão construídos por meio da cultura de uma determinada época.

Ao findar nossas considerações, evidenciamos as palavras de Ostrower (2010, p.142) ao mencionar que “[...] criar é tanto estruturar quanto comunicar-se, é integrar significados e é transmiti-los. Ao criar, procuramos atingir uma realidade mais profunda do conhecimento das coisas”. Cabe ressaltar, ainda, que o planejamento escolar, tanto no ensino como na aprendizagem, deve apropriar-se dos conhecimentos construídos historicamente. Dito isso, com o aporte dos fundamentos teóricos citados, passamos a abordar questões relacionadas ao trabalho docente.

## Um (Re)pensar para o Planejamento em Arte

A educação estética é fundamental para uma melhor compreensão da Arte e do mundo. Ao refletirmos sobre a Arte no espaço escolar, é essencial pensarmos que ela é o subjetivo objetivado e representado na criação artística, ou seja, no objeto, segundo Vygotsky (1999). Em suma, é por meio do objeto (objetivo), isto é, da materialidade, que ocorre a junção do psíquico (subjetivo) e do social que possibilitará às pessoas a criação do novo. As experiências extraídas da realidade concomitantes “[...] a soma de todas as relações entre o sujeito e o objeto”, abrangem

não somente “[...] o passado, não só os acontecimentos objetivos como as experiências subjetivas, os sonhos, pressentimentos, emoções, fantasias [...]” (Fischer, 1983, p. 122).

A partir desses pressupostos, Vigotski (2009) explica que, quando as pessoas produzem algo novo, essa produção é denominada de atividade criadora, que pode ser a construção de um objeto externo ou uma construção interna, em relação à subjetividade de cada ser social. Desse modo, para o autor, a criação se revela no comportamento humano, a partir de duas ações específicas: a atividade reconstituidora ou reprodutiva e a atividade combinatória ou criadora.

Como assevera Vigotski (2009), a atividade reconstituidora ou reprodutiva está ligada à memória, que reproduz ou repete meios de conduta criados e elaborados anteriormente. Essa atividade consiste em reproduzir aquilo que já havia sido imaginado e produzido por outra pessoa, tendo em vista que “[...] por meio da reprodução, não se cria nada absolutamente novo, mas repete-se de forma mais ou menos igual o que já existia” (Saccomani, 2016, p. 64). Por esse motivo, o processo criativo escolar, geralmente, fica estagnado em uma reprodução de cópias.

No que diz respeito à atividade combinatória ou criadora, Vigotski (2009) afirma que se trata de uma habilidade humana que resulta na criação de novas imagens ou ações, baseada na capacidade de combinação do nosso cérebro. O cérebro combina e reelabora as experiências anteriores de forma criadora, por meio da memória e da imaginação, assim “[...] é exatamente a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando o seu presente” (Vigotski, 2009, p. 14).

É importante lembrar que a atividade criadora surge a partir das necessidades que aparecem no decorrer da história da humanidade e “[...] dependem das condições históricas, materiais, objetivas, subjetivas” (Saccomani, 2016, p. 66). Nesse sentido, a educação estética é necessária para uma melhor compreensão da arte e do mundo. Afirmamos isso, concordando com Peixoto (2003, p. 52), para quem “[...] a obra de arte é a materialização de fatos psíquicos de um sujeito”.

Vigotski (2009) esclarece que a relação das pessoas com o mundo não é uma relação direta, mas uma relação mediada por sistemas simbólicos; além disso, grande parte da ação humana com o mundo é mediada pela sua experiência anterior. Sendo assim, com base na visão de Vigotski, Smolka destaca que “[...] a imaginação, na qualidade de atividade humana afetada pela cultura, pela linguagem, vai sendo marcada pela forma racional de pensar, historicamente elaborada” (Vigotski, 2009, p. 9, comentário de Ana Luiza Smolka). Nesse aspecto, o autor se preocupava com um trabalho pedagógico significativo voltado para a abertura de novas possibilidades de participação infantil na cultura.

Em relação às proposições, Ostrower (2010) ressalta ainda que:

[...] a criatividade e os processos de criação são estados e comportamentos naturais da humanidade. São naturais, no sentido do próprio e também do espontâneo em que todo fazer do homem torna-se um formar. A criatividade é, portanto, inerente à condição humana (Ostrower, 2010, p. 53).

O desenvolvimento humano das pessoas não é um processo espontâneo linear e natural, mas um trabalho de criação do homem com seus pares em contínuo diálogo com a realidade, conclui Vigotski (2009). A criação resulta de um processo histórico, pois ela é consequência do seu tempo e “[...] quanto mais associações uma pessoa tenha adquirido por meio de suas experiências, maior será a possibilidade de ser criativa” (Silva, 2021, p. 6).

Nessa perspectiva, o processo criativo desponta das necessidades que foram produzidas anteriormente pela humanidade e se apoia em práticas que já existem, por meio das relações sociais e experiências do cotidiano, uma vez que “[...] a criação é um processo de herança histórica em que cada forma que sucede é determinada pelas anteriores” (Vigotski, 2009, p. 42) e envolve conseqüentemente, sentimentos e valores relacionados a um contexto cultural. Por esse motivo, é essencial (re)pensar o planejamento em Arte, priorizando o processo criador e não somente o resultado final.

## Percurso do Método

A partir das considerações anteriores, elaboramos um planejamento educacional com dez intervenções educacionais. Para tanto, conforme destacado inicialmente, a pesquisa foi autorizada pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP), da Universidade Estadual de Maringá.

Para a organização das ações pedagógicas realizadas em cada encontro semanal preparamos os seguintes registros, conforme Quadro 1:

**Quadro 1 – Registros referentes aos procedimentos metodológicos utilizados**

Dados dos encontros	Para fazermos os registros dos encontros, utilizamos: diário de campo para as anotações, gravador de áudio, celular para as imagens fotográficas.
Referencial artístico	Como referência para a intervenção educacional, utilizamos as obras do artista paranaense Hélio Leites (1951).
Proposta de criação artística	A proposta foi elaborada mediante os trabalhos do artista com pintura de objetos, construção de objetos artísticos e narrativas orais.
Leitura de imagens	Apresentamos ao grupo imagens das obras do artista, seguido de conhecimentos necessários para melhor percepção e compreensão dos trabalhos. O conceito de leitura de imagem para Pillar (2011, p. 8) seria “[...] a leitura de um texto, de uma trama, de algo tecido com formas, cores, texturas, volumes. [...] onde ler, contemporaneamente, é atribuir significado seja a uma imagem, seja a um texto. [...] ao ler, estamos entrelaçando informações do objeto, suas características formais, cromáticas, topológicas e informações do leitor, seu conhecimento acerca do objeto, sua imaginação”. Nesse momento, os estudantes expressam aquilo que vivenciam no cotidiano.
Mediação	De acordo com a Teoria Histórico-Cultural, aprendemos com a troca entre os pares e não sozinhos, uma vez que “[...] signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas” (Vigotsky, 2007, p. 18). Para o autor, existem dois tipos de elementos mediadores: os instrumentos e os signos; assim, é importante para a formação dos estudantes a mediação do professor com a linguagem, objetos e imagens, para que possam potencializar as funções psicológicas superiores, tais como a memória, atenção e percepção. Nesse

	sentido, consideramos como mediação na intervenção educacional: o professor, o aluno, o colega, os objetos, as imagens e o conhecimento.
Suporte e técnica	Suporte: Bonés. Técnica mista: pintura acrílica e colagens de objetos.
Recursos	Livros com obras do artista, celular para registro fotográfico, diário de campo, bonés brancos, brinquedos em miniaturas, fitas, fios de lã, retalhos, botões, barbante, palitos de sorvete, tampinhas coloridas, galhos secos, cola, papéis coloridos, tintas acrílicas de diversas cores, conchinhas, pincéis, pano macio, papel toalha, sabonete líquido, aventais, copo plástico com água para limpeza dos pincéis, jornais para forrar as carteiras, bandejas de isopor, paletas.
Criação Artística	A proposta de trabalhar a produção de criações artísticas com os participantes da pesquisa teve como propósito o desenvolvimento da comunicação com seus pares, por meio da criação de narrativas e da composição de elementos do mundo cognitivo e sensível, do individual e do coletivo. Diante disso, buscamos pela formação dos sentidos humanos e destacamos a sensibilidade estética, pela significação possível da arte como fonte de humanização.
Análise de dados	As análises foram fundamentadas na Teoria Histórico-Cultural e mediação pela Arte. Os critérios de análises, no processo criativo, envolveram a criação do objeto artístico concomitante à produção de historietas desenvolvidas pelos estudantes. Nesse sentido, a análise foi realizada, mediante simbolização mediada; autonomia na produção do trabalho artístico e iniciativa na elaboração da narrativa; criação subjetiva e objetiva; conteúdo; interação e relação entre os pares. A mediação pela Arte foi com base no método desenvolvido no decorrer da intervenção educacional, a partir dos três momentos trabalhados, conforme a organização pedagógica das DCEs de Arte (Paraná, 2008): teorizar, sentir e perceber e o trabalho artístico.

**Fonte: Flávia Gurniski Beltrami.**

Em consenso com o referido método, salientamos que cabe ao docente organizar e sistematizar suas ações pedagógicas para obter resultados significativos. Com esse respaldo, um plano de trabalho docente em Arte organizado,

permite ao aluno perceber e apropriar-se da cultura elaborada, com experiências distintas das já vivenciadas, para fomentar o processo criativo.

O encaminhamento metodológico, de acordo com as DCEs de Arte (Paraná, 2008), precisa ser orgânico, assim como as práticas e a fruição artística devem fazer-se presentes nos diferentes momentos da prática pedagógica; destacamos que, para organizar as aulas, é necessário “[...] considerar para quem serão ministradas, como, por que e o que será trabalhado, tornando-se a escola como espaço de conhecimento” (Paraná, 2008, p. 69). Para tanto, abordamos os três momentos metodológicos na organização pedagógica: teorizar, sentir e perceber e o trabalho artístico.

Teorizar pode fundamentar a percepção do aluno, de forma que este possa se apropriar dos elementos de uma obra artística, desenvolvendo trabalhos artísticos para formar conceitos. Para isso, é indispensável que o professor possa considerar a origem cultural e social dos estudantes, bem como trabalhar conhecimentos gerados pela comunidade. Assim, o conteúdo deve ser contextualizado, com vistas a conceber a “[...] obra artística e a arte como um campo de conhecimento humano, produto da criação e do trabalho de sujeitos, histórica e socialmente datados” (Paraná, 2008, p. 70).

Sentir e perceber são formas de apreciação, fruição e leitura das obras de arte. Desse modo, o trabalho do professor viabiliza, por meio da mediação, a acessibilidade à percepção e à apropriação do conhecimento sobre Arte, “[...] para que o aluno possa interpretar as obras, transcender aparências e aprender, pela arte, aspectos da realidade humana em sua dimensão singular e social” (Paraná, 2008, p. 71). Diante dessa afirmação, é necessário considerar que:

[...] quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimilou; quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência – sendo as demais circunstâncias as mesmas -, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação” (Vigotski, 2009, p. 23).

No contexto educacional, o trabalho artístico como prática criativa e o processo de produção acontecerão quando o aluno se apropriar de instrumentos

que humanizam seus sentidos e, também, na interação com seus pares. Ademais, no percurso de criação, haverá oportunidade para externalizar as inquietações.

Integrado nessa perspectiva, o encaminhamento do trabalho artístico pode ser escolhido pelo professor, por exemplo, a abordagem da produção pictórica de conhecimento universal e artistas que sejam de referência histórica e social e, também, formas e imagens presentes nas sociedades contemporâneas (Paraná, 2008). São direcionamentos que devem estar relacionados à realidade escolar, mediante ação, reflexão e nova ação, em processos de ensino e aprendizagem significativos para os estudantes.

## Percurso Criador e Análise

Para mantermos a autenticidade das intervenções educacionais, demonstraremos as formas de expressão dos momentos em que as vivenciamos, com algumas correções de linguagem, considerando as entoações, as ênfases, as expressões faciais, enfim, tudo o que possa estar relacionado ao processo de análise e interpretação. Sobre isso, Marcuschi (1986, p. 9) comenta que “[...] não existe a melhor transcrição [...]. O essencial é que o analista saiba quais seus objetivos e não deixe de assinalar o que lhe convém”. No registro dos dados, para preservarmos a identidade dos estudantes, não faremos a identificação dos nomes.

Nesse processo, nos encontros iniciais, levamos os estudantes à reflexão sobre qual é o significado da palavra arte. Para Bosi (2000, p. 13), a Arte é fundamentada como um fazer, ou seja, um “[...] conjunto de atos pelos quais se muda a forma e se transforma a matéria oferecida pela natureza e pela cultura”. Nesse sentido, independente da atividade humana, mas direcionada a uma finalidade significativa, trabalhos realizados com materiais inusitados podem ser apresentados como Arte.

Diante dessa discussão, no entendimento da maioria dos estudantes, somente o desenhar e o pintar eram considerados uma forma de arte. Esclarecemos que, além do desenho e da pintura, temos também a escultura, a gravura, entre outras formas de se fazer arte. O artista, ao criar seu trabalho artístico, pode

expressar sentimentos, como alegria, tristeza, medo ou, ainda, significar um acontecimento da atualidade ou algo que já ocorreu, bem como narrar poesias. Então, explicamos que a Arte é uma forma de expressão, ou seja, uma representação do pensamento humano. Mediante essas concepções, “[...] não existe arte sem a ação humana, a humanidade é que forma, em seu processo de desenvolvimento vários significados, a arte não existe por ela mesma [...]” (Gombrich, 2009, p. 15).

Por conseguinte, após as mediações, um dos alunos (10 anos) apropriou-se de alguns objetos, com objetivo de produzir seu trabalho relacionado com a sua historieta. Para tanto, teve um momento de reflexão e explicou aos colegas: “Aqui tem terra seca e um pouquinho de água, porque a seca secou o rio e as árvores”. Perguntamos o que seria o desenho pintado com o branco, e ele respondeu: “Vai ser um bichinho que morreu sem beber água”. Em seguida, uma colega expôs: “Eu pensei nele andando e falando assim: eu estou com sede, eu estou com sede”. Diante disso, todos riram.

O aluno contou-nos que, em sua história, os animais estavam sem água e, por isso, ele desenhou a representação de um animal que, segundo suas palavras: “Morreu por causa da seca”. Após sua explicação, ficou em silêncio por um tempo. Para que continuasse a narrativa, perguntamos: “O que aconteceria se os animais encontrassem água em algum lugar?”. Respondeu: “É! Eles acharam água embaixo da pedra grande que está aqui”. Ao mesmo tempo em que falava, ele mostrou-nos a representação da pedra que havia desenhado e pintado com a cor cinza. E, também, informou: “E pinteí amarelo aqui em cima, porque o sol estava muito quente nesse dia”.

Retomando a narrativa, o aluno continuou: “O elefante pisou que ele é pesado, e depois saiu muita água, e ele tirou a pedra”. A colega completou: “E quando viu a água, os bichinhos ficaram perto da água”. O colega replicou: “E o bichinho que era leve pisou ali e não viu a água, porque ele era leve. E o elefante que era pesado viu”. Enquanto os estudantes observavam a narrativa, um dos colegas disse: “A água voltou aqui”. Diante disso, o aluno finalizou sua história: “É! O nome da história pode ser: A descoberta da água, porque eles descobriram água. Sem água, os animais e as

plantas vão morrer”. Ademais, para retratar suas inquietações, o menino esboçou algumas árvores com apenas troncos e galhos, sem folhas, e “[...] essa forma de relação torna-se possível somente graças à experiência alheia ou experiência social” (Vigotski, 2009, p. 24). Outro aspecto a ser considerado é que, para criar, o autor “[...] acentua cada particularidade da sua personagem, cada traço seu, cada acontecimento e cada ato de sua vida, os seus pensamentos e sentimentos [...]” (Bakhtin, 2011, p. 3).

Na produção de significados, em nossas análises, o aluno trouxe como tema central para seu trabalho artístico a falta d’água; durante todo o inverno, tivemos dias muito quentes e um longo período sem chuvas. Isso o levou a refletir sobre como a escassez da água poderia causar um grande impacto na natureza. Em seu processo de criação, expressou sua preocupação em relação às consequências da falta de chuva para o meio ambiente.

Na pintura do cenário, podemos observar a representação de árvores com galhos secos, o uso da cor laranja para representar o aquecimento do solo, a representação do sol bem ao alto, com a cor amarela, para demonstrar um calor intenso. O aluno também representou uma pequena quantidade de água com a cor azul e, com a cor marrom, simbolizou a terra seca. Fez a representação de um animal morto, ao pintá-lo de branco, simbolizando os ossos. Diante dessas percepções, retomamos a visão apresentada por Vigotsky (2010, p. 342), segundo o qual o trabalho artístico vivenciado “[...] pode efetivamente ampliar a nossa concepção de algum campo de fenômenos, levar-nos a ver esse campo com novos olhos”.

Seguindo em nossas análises, destacamos que o aluno selecionou e pintou alguns objetos que simbolizam animais, bem como fez a representação de duas pedras grandes com a cor cinza, o que, posteriormente, levou os estudantes a refletirem sobre onde os animais poderiam encontrar água. No decorrer das descrições, observamos que o cenário produzido e os objetos usados estiveram sempre presentes em toda a narrativa da criança. Ao dar forma à sua criação, ressurgiram lembranças e sensações que aos poucos se manifestaram e “[...] todos os elementos dessa situação, é claro, são conhecidos por ela da sua experiência

anterior, pois, do contrário, ela nem poderia criá-la” (Vigotski, 2009, p. 17). Nesse caso, o potencial criador é revelado na atividade artística, na qual a criança observa e objetiva a sua vivência.

Em síntese, percebemos a preocupação dos estudantes a respeito das questões ambientais, algo tão preocupante na contemporaneidade. Diante das falas, observamos que o trabalho artístico foi uma forma de expressão em relação à preocupação com o que pode acontecer com a falta de água, logo “[...] a imaginação origina-se exatamente desse acúmulo de experiência. Sendo as demais circunstâncias as mesmas, quanto mais rica é a experiência, mais rica deve ser também a imaginação” (Vigotski, 2009, p. 22).

Para Saccomani (2016), o aluno, ao apropriar-se de instrumentos culturais, desenvolve uma atividade acumulada pela humanidade. A ressignificação e a transformação de objetos no processo de criação artística podem contribuir para uma melhor aprendizagem em diversas áreas do conhecimento. A Arte possibilita às pessoas a transformação da natureza, humanizando-a, e, ao modificarem-na também se transformam e “[...] não somente percebem as transformações como nelas se percebem” (Ostrower, 2010, p. 10). Por isso, durante o processo de criação, ao utilizarem objetos inusitados, as pessoas têm a possibilidade de imaginar e produzir coisas novas.

Ao construir um complexo associativo para cada objeto descrito, o aluno relacionou tais objetos, “[...] pela semelhança concreta visível, formando apenas um complexo associativo restrito a um determinado tipo de conexão perceptual” (Vygotsky, 2008, p. 83). O processo criativo foi importante para expressar sua subjetividade no objeto criado. Dessa forma, ele conseguiu manifestar sua capacidade criadora no trabalho artístico materializado, por meio do qual objetivou o que estava em seu íntimo.

Dado o exposto, para demonstrarmos com veracidade o nosso trabalho, seguem algumas imagens específicas, conforme Figura 1, Figura 2 e Figura 3:

### Figura 1 – Mediação



Fonte: Flávia Gurniski Beltrami.

Figuras 2 e 3 – Percurso criador. Trabalho finalizado: A descoberta da água



Fonte: Flávia Gurniski Beltrami.

## Considerações Finais

Perante os obstáculos presentes no cenário educacional contemporâneo, é indispensável primar por um trabalho contextualizado. Os movimentos culturais que envolvem Arte e Educação não acontecem no vazio ou desvinculado das práticas sociais. As experiências anteriores encadeiam-se com as questões da contemporaneidade. Nesse sentido, observamos que mudanças foram impulsionadas por ocorrências diversas ao longo de um processo histórico de desenvolvimento.

Essas mudanças só foram possíveis graças ao esforço conjunto entre pesquisadores, professores e alunos. E, no momento em que vivemos diante das

tentativas de descarte da Arte como disciplina, é essencial retomar o contexto histórico e fortalecer a luta pela defesa do ensino de Arte na escola. Esperamos com essas reflexões ressaltar a necessidade de mais ações para que a Arte seja considerada como campo do conhecimento, descartando concepções como a de dons inatos e entretenimento, e que sua obrigatoriedade enquanto disciplina seja mantida.

Enfatizamos que o acesso à Arte, no espaço escolar, é importante para que os estudantes possam expressar suas essências. É preciso que se apropriem do conhecimento histórico, conheçam sua realidade social e possam refletir e, conseqüentemente, agir de modo consciente sobre o mundo em que se encontram. Precisamos de um ensino que não só diga os conceitos e as palavras, mas que os apresente. Os educandos precisam observar e levantar hipóteses, para que possam chegar a determinadas conclusões e, com isso, construir um conhecimento.

Em resposta à problemática inicial, no tocante a como o ensino de Arte na contemporaneidade pode contribuir para o processo de humanização, expressamos que, é importante o docente no percurso criador buscar o conhecimento elaborado na história da humanidade, bem como a realidade circundante dos seus alunos. Vale ressaltar ainda que, é essencial o professor ter princípios formativos para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma organizada e significativa aos estudantes.

Destacamos que a Arte, como fonte de humanização, é conhecimento, imaginação e criação, e, portanto não deve ser pensada somente como terapêutica e lúdica. Com isso, intervenções teóricas e metodológicas devem ocorrer mediante conteúdos significativos vivenciados no processo de criação, pela experiência estética e artística, com a interação entre os pares. Na contemporaneidade, o ensino de Arte tem a necessidade de transformação, por isso, sua produção não consiste apenas em desenhar, pintar, modelar, entre outros, mas também em apropriar-se de materiais diversos para a elaboração de novas ideias.

Dessa forma, com o objetivo de potencializar as funções psicológicas superiores, apropriamo-nos dos três momentos da metodologia em Arte. O primeiro

momento, ou seja, teorizar tem o objetivo de fundamentar e viabilizar para o aluno a apropriação da obra artística, para que depois ele consiga desenvolver um trabalho artístico e, assim, formar conceitos artísticos. Nesse momento, os estudantes vão inteirar-se dos conhecimentos acumulados historicamente sobre a Arte e refletir sobre eles.

O segundo momento, sentir e perceber corresponde ao tempo que os estudantes têm para a apreciação, fruição, leitura e acesso às obras de arte, dos objetos da natureza e da cultura. O terceiro momento, que se refere ao trabalho artístico, consiste em uma prática artística criativa, um exercício de criação e imaginação, em que o aluno coloca em prática o conteúdo internalizado. Como descrito, é fundamental apresentar um trabalho organizado e sistematizado, para apropriação do conhecimento em Arte.

No entanto, entendemos que há certa dificuldade, por parte de alguns professores, em desenvolver essas ações no espaço escolar. Tal dificuldade pode ser expressa, nas abordagens teórico-metodológicas, que se apresentam de forma difusa na prática docente. Tais práticas correspondem às propostas relacionadas a abordagens vinculadas a práticas terapêuticas ou entretenimento. O ensino de Arte deve estar relacionado com a realidade do aluno, sob uma perspectiva histórica e crítica que permita um olhar sobre a realidade humano-social e possibilidades de transformação dessa realidade.

Ampliar o repertório imagético, por meio de experiências concretas, é essencial à preparação do conhecimento em Arte. Ensinar não é simplesmente um processo espontâneo, mas um trabalho de construção histórica, social e cultural em um sucessivo movimento dialético. Desse modo, a Arte é essencial para aproximar pessoas na troca de experiências e ideias.

Podemos concluir, ainda, que a Arte, no espaço escolar, promove a formação dos estudantes, pois avulta os sentidos, além de potencializar a capacidade de criação, percepção, apreciação, e permite o pensamento crítico na interpretação de fatos cotidianos. Não podemos deixar de reforçar que a obrigatoriedade da

disciplina será uma luta constante, com o objetivo de permanência da Arte enquanto área de conhecimento humano.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

FISCHER, Ernest. **A Necessidade da Arte**. 9. ed. Tradução: Leandro Konder. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMBRICH, Ernst Hans. **A História da Arte**. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Desafio da Pesquisa Social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009, p. 09 - p. 29.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processo de criação**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares de Arte para a Educação Básica**. Curitiba: SEED/DEB, 2008.

PEIXOTO, Maria Inês Hamann. **Arte e grande público: a distância a ser extinta**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2003.

PILLAR, Analice Dutra. Leitura e Releitura. In: PILLAR, Analice Dutra (Org.). **A educação do olhar no ensino de artes**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011, p.7-17.

SACCOMANI, Maria Cláudia da Silva. **A criatividade na arte e na educação escolar**: uma contribuição à pedagogia histórico-crítica à luz de Georg Lukács e Lev Vigotski. Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

SILVA, Ana Rita. A imaginação criadora no ensino de arte: uma análise na perspectiva histórico-cultural. **EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 8, p. 1–23, Jan./Dez., 2021. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/view/6261>. Acesso em 12 nov. 2023.

VIGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009. (Coleção Ensaaios comentados).

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Psicologia da arte**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKY, Lev Semyonovich. **Psicologia pedagógica**. Tradução Paulo Bezerra. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. (Coleção textos de psicologia).

**Revisores de línguas e ABNT/APA**: Nayara Lopes Modesto e Marcia Geralda Almeida

**Submetido em 22/02/2024**

**Aprovado em 29/12/2024**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)